

## REFLEXOS DA LINGÜÍSTICA NOS ANOS 80

Reny Maria Gregolin Guindaste \*

### RESUMO

Neste artigo pretendo mostrar que o conhecimento de teorias da Lingüística pode contribuir para esclarecer, aos terapeutas de fala, pontos ainda obscuros no diagnóstico, encaminhamento e avaliação de dados patológicos.

E para exemplificar uma reflexão lingüística a partir de dados da afasia, apresento dois estudos de casos: um de afasia discursiva e outro de agramatismo, \*\* perturbação esta caracterizada por problemas essencialmente sintáticos.

### I — CONSIDERAÇÕES GERAIS

O enfraquecimento do programa estruturalista, tanto na Lingüística como na Psicologia, teve como consequência um novo modo de enfocar o sujeito lingüístico. Ao invés da “medida” para avaliar sua linguagem, devido à concepção behaviorista, passou-se a considerar, não mais os seus hábitos, mas sim, por exemplo, a complexidade de uma função mental superior, historicamente construída, ou até sua linguagem interna, geneticamente programada, conforme a abordagem teórica interacionista ou gerativista, respectivamente.

Diante do quadro acima é que passarei a refletir sobre pelo menos duas contribuições da Lingüística, em pelo menos um outro campo: a neuropsicologia e mais especificamente num de seus ramos, a neurolingüística, no que concerne aos estudos de afasia de linguagem.

Enquanto na Lingüística a tendência de superar o estruturalismo se acentua cada vez mais, os estudos de neurolingüística caminharam mais lentamente, neste sentido, e os testes para “medir” a linguagem de sujeitos continuam a ser aplicados, na clínica, em larga escala.

\* Bolsista da CAPES.

\*\* Este trabalho é parte do meu projeto de pesquisa, entregue em 15-2-90 e discutido em seminário, no curso Discurso e Afasia, em 24-4-90. (UNICAMP)

Sem negar a contribuição dos testes clássicos, pretendo mostrar que estudos à luz da Linguística ampliam a visão de problemas de linguagem, trazendo explicações que os testes clássicos não podem fornecer.

Convém lembrar que, a maioria dos trabalhos publicados, sobre patologia de linguagem, revela ainda profundas marcas do positivismo e o que se vê neles são dados estatísticos tabelados a partir de experimentos. O resultado da pesquisa nessa área não passa de contagem de fonemas e de realizações desta ou daquela natureza. É para este quadro que estão voltados ainda grande parte de fonoaudiólogos e neuropsicólogos, cuja formação, obviamente não linguística, leva-os a aceitar, sem discussão, os "manuais" sobre afasiologia com descrições superficiais e vazias sobre os problemas de linguagem, o que em muitos casos compromete até o diagnóstico, devido à limitação tipológica.

O conhecimento da Linguística, nos diversos níveis, (fônica, sintaxe, semântica, pragmática e até análise do discurso) contribui para o aprofundamento dos estudos de afasia, acrescentando explicações, confirmando ou refutando diagnósticos. Assim, a Linguística passa a desempenhar o papel de ciência guia, ganhando o respeito de alguns neuropsicólogos e fonoaudiólogos, auxiliando estes outros profissionais, que também precisam lidar com problemas de linguagem.

Este aspecto foi mencionado por Grodzinsky (1984) para quem o indutivismo, da maioria dos afasiologistas, foi o responsável pelo atraso do progresso neste campo. Este autor afirma que até pouco tempo não havia contato da Linguística com a afasiologia, o que começou apenas com Jakobson (1941). (GRODZINSKY 1984, p. 8).

A caracterização da afasia à luz da Linguística, ainda nos anos 80, só pode ser vista em trabalhos esporádicos: Kean (1977), Caplan (1985) e Grodzinsky (1984), por exemplo.

Apesar da pesquisa sistemática em afasia contar com mais de um século, foi orientada psicológica e experimentalmente nas duas últimas décadas (HEESCHEN 1985, p. 207) e só superou, em parte, o descritivismo a partir dos meados dos anos 70.

O interesse do estudo da afasia por uma teoria linguística é de duas ordens: primeiramente, a linguística conta com um aparato teórico para análise de dados e segundo porque estes dados podem confirmar ou refutar teorias linguísticas, que só dão conta de linguagem não patológica.

## II — RELATO DE CASOS

Para exemplificar as contribuições da Lingüística nos estudos de afasia pretendo discutir dois casos diferentes, sob dois quadros teóricos completamente diversos: um de afasia discursiva e outro de agramatismo. O primeiro, estudado e relatado por COUDRY e MORATTO (1988) mostra como o conhecimento de aspectos discursivos, leva a uma análise de dados, para os quais a neurolingüística clássica não teria muito a dizer. As autoras estudam a ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre os objetos lingüísticos, concebendo a linguagem como uma atividade constitutiva em que a emergência de categorias lingüísticas não é concebida como determinada "a priori", conforme FRANCHI (1977), e sob uma perspectiva sócio-interacionista de terapia em que a linguagem é construída pelo sujeito.

A partir deste referencial teórico, COUDRY e MORATTO explicam a desintegração da linguagem de uma paciente (A), uma senhora com 71 anos, acometida de hemorragia intracerebral temporo-parietal, no hemisfério esquerdo e encaminhada ao tratamento ainda com afasia global.

Uma das características da linguagem patológica desta paciente (A) é evidenciada pela não relação do seu turno com o do interlocutor. Tratava-se de um problema discursivo geral, devido à invasão constante ao turno do investigador.

Os dados abaixo mostram não só como a investigadora conduz a terapia, a partir de sua concepção de linguagem, mas também como a paciente reconstrói sua linguagem, durante a terapia, após o diagnóstico. Trata-se de um episódio terapêutico em que a investigadora e (A) estão vendo as fotos do álbum de família de (A), que tecia comentários sobre as pessoas da foto, (a paciente, seu marido e netos), e explicava quem eram, já num período de evolução do quadro clínico:

(24-7-87)

A: — Ela, com meu neto e minha neta, ela e ele.

INV: — Ah! aqui é a mulher dele?

A: — É, é ela.

(03-8-87)

Olhando foto antiga de (A) com seus pais:

INV: — Cadê a senhora aí?

A: — Esse.

INV: — Que bonita!

A: — Com meu pai, mamãe dela.

INV: — Mamãe dela? Mamãe de quem?

- A: — Mamãe (risos)  
 INV: — Mamãe de quem?  
 A: — Mamãe minha.  
 INV: — Ah! mamãe minha e não dela. Ela quem?  
 Quem é essa mulher aí? Mamãe dela?  
 A: — (rindo) É minha mãe. Às vezes sai tão feio!

O relato sucinto deste caso, exemplifica como o conhecimento da Linguística, pelo terapeuta, até em análise do discurso, norteou o diagnóstico e a condução da terapia (para detalhes COUDRY e MORATTO (1988)).

Em outros casos de afasia, como um caso de agramatismo por exemplo, o conhecimento da sintaxe se torna necessário para o diagnóstico e encaminhamento da terapia. Uma fonoaudióloga, que não tiver algum conhecimento da sintaxe, poderá ter dificuldades para encaminhar a terapia de um caso de afasia em que o problema é a desintegração sintática. É óbvio que não é só conhecimento da sintaxe que é necessário. Na condução da terapia, por tratar-se de casos patológicos, a linguagem, mesmo num caso de agramatismo pode ser reconstruída ao longo da terapia, na relação dialética entre o paciente e a terapeuta. É uma interação o que observamos nos dados abaixo, entre a investigadora e o paciente (P).

(30-5-86)

- INV: — O que essa menina vai fazer?  
 P: — Água, né.  
 INV: — Já tem água aí? O que ela vai fazer?  
 P: — Água não tem; mangueira tá aí...  
 INV: — O que sai da mangueira?  
 P: — Água.  
 INV: — O que que a água vai fazer?  
 P: — Como chama? tira... tirando...  
 INV: — A gente foi lá atrás, abrimos a torneira, o Sr. molhou a mão. O que essa menina vai fazer?  
 P: — Molhada.  
 INV: — O que esta menina vai fazer?  
 P: — Como chama?...  
 INV: — Ela não fez ainda... Ela já molhou?  
 P: — Ela vai molhá.

Apesar de tratar-se de um caso de agramatismo (anteriormente diagnosticado pela terapeuta), o item verbal foi construído a partir da interação.

O dado acima faz parte do acompanhamento de um paciente (P) que vem sendo estudado por Coudry desde 1983. Trata-se de um caso de agramatismo, consequência de dois episódios neurológicos, caracterizados como acidente

vascular cerebral, cujo diagnóstico tomográfico revela área de enfarto tempero parieto-occipital esquerdo.

Este e outros casos são relatados por COUDRY (1988).

### III — CONTRIBUIÇÕES DE OUTRA TEORIA DA LINGUAGEM PARA O ESTUDO DO AGRAMATISMO: A TEORIA CHOMSKYANA

GOODGLASS e MENN (1985) atribuem a primeira menção do termo agramatismo a Deleuze (1819), portanto antes da publicação do trabalho clínico de Paul Broca (1861). Estes autores reconhecem que só a partir dos anos 70 é que o agramatismo foi descrito em termos sintáticos.

Quanto à conceituação de agramatismo (que caracteriza a afasia de Broca) a maioria das definições aponta, sob diferentes quadros teóricos, a omissão de elementos de classe fechada como a principal evidência, mas são numerosas as controvérsias, fato este decorrente da imprecisão de um estudo rigoroso de dados, sob a luz de uma teoria de linguagem.

Na caracterização do agramatismo há controvérsias inclusive até sobre quais realizações são necessárias para distinguir este tipo de patologia de linguagem, de outras afasias, o que na verdade traz complicações a partir do diagnóstico. (CAPLAN 1985, p. 126).

Para alguns, do ponto de vista clínico, basta caracterizar o agramatismo como uma desordem na produção de sentenças, envolvendo a omissão de terminações gramaticais.

A afasiologia clássica faz uma listagem, meramente descritiva, dos sintomas que evidenciam essa síndrome, que não dá conta da complexa gama de fatos sintáticos envolvidos no agramatismo.

No contexto do empirismo a linguagem interna é vista em termos da memória de imagens sensoriais, mas do ponto de vista chomskyano a caracterização do agramatismo deve ultrapassar meras descrições. Não basta, portanto, dizer que a fala no agramatismo é telegráfica, que são omitidos morfemas menos informativos, que o paciente apaga preposições, conjunções e flexões de gênero e número, que perde artigos e possessivos, que não produz passivas ou ainda que é incapaz de encaixar sentenças. É preciso explicar o que ocorre na gramática dos afásicos de Broca, fazendo generalizações maiores, já que tal patologia caracteriza-se por problemas essencialmente sintáticos.

De modo programático, podemos inferir, a partir da análise dos dados de (P) que na sua gramática faltam as

categorias não lexicais, enquanto as lexicais e especificamente os núcleos dos sintagmas, são os primeiros a se reconstruírem.

Semelhante simplificação foi sugerida por Alajouanine (1968), para quem o agramatismo, apesar de difícil de ser definido, nada mais é do que a redução da fala ao esqueleto da sentença, com substantivos e verbos, sem a devida flexão

Sob o ângulo da neuropsicologia, a definição de afasia, e também do agramatismo, está assentada na concepção de linguagem como um conjunto de símbolos e sob esta perspectiva teórica só se privilegia a função comunicativa da linguagem. (LEZAK, 1987, p. 54). Enfoques como este não investigam o assunto nem a partir de teorias da cognição e nem cabem neles discussões envolvendo problemas de pensamento e linguagem interna, conceito este discutido histórica e epistemologicamente por FRANÇOZO (1987).

Enquanto muitos autores consideram que no agramatismo os pacientes perdem o suporte sintático dos processos de linguagem e se tornam sem sintaxe, outros opinam que a estrutura sintática é preservada e que os pacientes seriam até "overgrammatics". (HEESCHEN 1985, p. 232).

Dentre os que argumentam a favor da preservação da estrutura sintática destaca-se Grodzinsky (1984). Tendo estudado o agramatismo a partir de dados empíricos do hebraico, sob o amparo teórico da Teoria da Gramática Gerativa Chomskyana, Grodzinsky defende a tese de que os pacientes acometidos de agramatismo mantêm a estrutura sintática. Embora preservadas, apareceriam nessas estruturas muitos elementos não especificados, além de algumas seleções descombinadas de flexões. Com o objetivo de delinear em termos sintáticos a limitação do agramatismo, Grodzinsky, baseando-se numa teoria da vinculação, ainda incipiente, propõe:

"if a terminal element at S. Structure is not lexically specified then it will be unspecified at this level"

(GRODZINSKY, 1984, p. 111)

Numa teoria da Vinculação mais desenvolvida poderíamos dizer, a partir de Grodzinsky, que: se um elemento não estiver presente na estrutura de superfície, ele poderá figurar na estrutura sintática como uma categoria vazia e a natureza e recuperabilidade desta categoria vazia seriam identificadas funcionalmente, a partir do ambiente sintático em que ocorrer.

Esta modificação porém, em termos de uma versão mais recente da Teoria da Regência e Vinculação, seria válida para algumas categorias não lexicalizadas na estrutura sintática, mas não para todas, como para a omissão de artigos por exemplo, pelo menos se mantivermos na Gramática o princípio da categoria vazia, segundo o qual toda categoria vazia deve ser regida.

Sem formalização, o que pretendo analisar, sob a esteira da gramática gerativa são os dados do paciente (P), um paciente afásico, acometido de agramatismo. O papel desta teoria será apenas fornecer o esquema ou aparato teórico para a especificação de estruturas sintáticas, para as quais esse paciente demonstra competência para compreender ou produzir.

Convém lembrar que o conceito de agramatismo, na afasia não é compatível com a noção de agramaticalidade na teoria gerativa. Na Gramática Chomskyana considera-se agramatical uma sequência mal formada que o falante nativo recusa intuitivamente, isto é, não a aceita. A aceitabilidade de uma estrutura refere-se a sua não rejeição pelo falante nativo ideal. Neste aspecto, já discutiu-se, em estudos sobre agramatismo, do ponto de vista da gramática gerativa, sobre a sensibilidade dos pacientes quanto a aceitabilidade ou não de estruturas gramaticais e agramaticais. Sem acompanhamento exaustivo, verifiquei, durante terapia, que o paciente (P) reconhece estruturas gramaticais e as rejeita quando mal formadas, portanto a sensibilidade gramatical permanece.

Outro fato que evidencia tal sensibilidade sintática de (P) é sua preocupação com auto-correções.

Quanto à seleção descombinada de flexão, de que fala Grodzinsky (1984), os dados de (P) também a demonstram, como podemos verificar nos dados abaixo:

(24-8-84)

INV: — O que eles fazem aí?

P: — Jogas.

(21-3-86)

INV: — O que caiu?

P: — fotos

INV: — Então fala ... as três fotos caíram.

P: — três fotos

INV: — caídos, cairos ...  
caindo, cair.

(08-5-86)

INV: — Leia a manchete: Boatos marcam ...

P: — Boato marcos.

Uma hipótese que podemos levantar a respeito da seleção imprópria da flexão é a não fixação da categoria verbal e sim da nominal, por isso a seleção da flexão nominal para o item verbal. O paciente estaria neste caso fazendo um movimento indevido de flexão na estrutura sintática, ou seja, estaria deslocando a flexão nominal para a flexão verbal. Outra hipótese é que este equívoco flexional seria limitado a nível morfológico, não envolvendo deslocamentos na sintaxe.

Apesar desta seleção descombinada de flexão, em algumas estruturas, isto não é uma regularidade na gramática de (P), cuja manutenção da grade temática de verbos pode ser observada nos dados.

Há episódios terapêuticos em que o papel temático dos argumentos do verbo parece difuso, mas no desenrolar da terapia, vai se tornando claro e fica evidente sua fixação, apesar da dificuldade do paciente na produção do item verbal, nesta fase da terapia.

(31-1-85)

INV: — O que as pessoas estão fazendo aí?

P: — turista, turistas...

INV: — (supondo que turistas teria o papel temático de agente, prossegue): O que os turistas estão fazendo?

P: — navio, né... navios.

INV: — O que os turistas estão fazendo neste barco?

P: — Estão... como chama... viajando.

Nos dados acima, o papel de agente para turistas fica cada vez mais claro.

A função gramatical de objeto direto, tem seu papel temático mantido, ainda nos primeiros passos da terapia de (P), o mesmo acontecendo com a função de sujeito, cujo papel temático é quase sempre o de agente, conforme verificamos nos dados abaixo:

(19-9-85)

INV: — O que ele foi fazer lá?

P: — compra

INV: — compra de que?

P: — artigo

INV: — Que artigo?

P: — esmalte.

(05-6-86)

INV: — Quem ganhou o jogo?

P: — Brasil.



A função sintática de objeto indireto aparece mais tardiamente na gramática de (P), mas também se reconstrói apesar, ainda, da omissão de preposição:

(17-12-88)

INV: — De quem o Sr. recebeu cartões de Natal?

P: — Você.

(21-4-89)

INV: — De quem o Sr. gosta mais, do Lula ou do Brizola?

P: — Ninguém...

Apesar de não inserir a preposição no sintagma preposicional com a função de objeto indireto, (P) não as omite em locativos e nem em outros sintagmas preposicionais, assunto este que ainda necessita de estudos adicionais.

(07-2-86)

INV: — O que que eu pedi para o Sr. marcar na agenda?

P: — chuva. Ontem não foi.

INV: — Ontem não choveu?

P: — Em casa não.

(30-5-86)

INV: — Conhece este homem aqui?

P: — Jânio

INV: — O que que ele é?

P: — Prefeito de São Paulo

A tendência de marcar o tempo verbal com o passado do verbo de ligação, faz parte de uma etapa de reconstrução do item lexical verbal, por parte do paciente. Outros dados mostram este estágio intermediário desta reconstrução sintática. (marca de flexão do pretérito perfeito, com o verbo de ligação).

(08-5-86)

INV: — O que aconteceu com o ministro Funaro? Tá lá ainda?

P: — já foi.

INV: — sa...

P: — saiu

Numa análise cronológica dos dados de (P) resultantes do acompanhamento terapêutico longitudinal, a reconstrução gradativa da sintaxe pode ser observada e, embora não regularmene, (P) já produz uma sentença completa.

(12-9-86)

INV: — O Sr. thabalhava com ele?

P: — Não. Tinha outras... outras funções.

Quanto à não realização do sujeito neste e em outros dados, é evidência de que (P) está operando com o parâmetro de sua língua particular, o português, que diferente

do inglês e do francês, admite a posição de sujeito vazia. É o chamado parâmetro "pro drop".

Algumas coordenadas para o prosseguimento do estudo do agramatismo, à luz da teoria chomskyana são dadas por Rizzi (1985) num dos artigos reunidos por Kean (1985) sob o tema "Agrammatism".

Rizzi não analisa dados empíricos, mas faz conjecturas, cuja permissão é uma das vantagens da teoria da gramática gerativa.

Refletindo sobre os dados de (P), a partir de algumas previsões de Rizzi, pode-se inferir que a estrutura semântica dos verbos está preservada e, como vimos, a marcação temática dos argumentos do verbo é mantida. Para Rizzi o problema, no agramatismo, reside no mapeamento das estruturas semânticas em estruturas sintáticas. (RIZZI 1985, p. 160). Este autor, como Grodzinsky e outros utilizaram-se da teoria gerativa para explicar fatos da linguagem de pacientes com afasia de Broca, mas a gramática gerativa, útil para explicar dados e caracterizar o agramatismo, no quadro de uma teoria formal da Linguística, não tem implicações imediatas na terapia.

Sob a perspectiva de uma teoria da gramática, como a proposta por Chomsky, podemos explicar fatos sintáticos, apenas "listados" em outras teorias e "medidos" estatisticamente.

A análise de dados, sob o prisma da teoria da gramática gerativa, permite a postulação de algumas características do agramatismo, em módulos separados da gramática.

Assim podemos dizer que os núcleos são os primeiros elementos sintáticos a aparecerem na reconstrução da linguagem, enquanto as projeções destes núcleos só são reconstruídas gradativamente ao longo da terapia. Este fato tem relação com a teoria X'. Quanto ao caso, podemos inferir que, se (P) preserva as funções temáticas e se o sujeito e os complementos verbais estão intactos na sua gramática, então, alguns casos pelo menos estariam preservados: nominativo, acusativo, locativo, e mais tardiamente o genitivo e dativo.

Quanto aos princípios de vinculação, verificamos que o mecanismo representado pelo princípio B é largamente encontrado na gramática de (P), que indexa sem dificuldade, elementos pronominais plenos ou vazios, fora dos limites da sentença. O princípio A, porém, não está estável em sua gramática, e a reciprocidade ainda é problemática para o paciente, dada a sua dificuldade em fazer relações de todo o tipo. Se lhe mostrarmos figuras com duas "pessoas se cumprimentando", ou com duas "crianças se beijando", (P)

não faz a vinculação esperada e também mostra dificuldade para lidar com a expressão complexa "um ao outro".

Quanto ao princípio C, verifica-se na gramática de (P), a quebra do tão discutido paralelismo compreensão-produção, pois (P) compreende as estruturas com as chamadas variáveis, mas não as produz. Para fazer perguntas, por exemplo, (P) utiliza mecanismos não sintáticos e nem mesmo repete estruturas com elementos "QU".

No caso das relativas também a compreensão é às vezes perturbada.

(18-12-88)

INV: — Sr. P, o guarda que vigia o bêbado é alto.  
Quem é alto?

P: — O bêbado.

Quanto à subyacência é curioso observar que o paciente não demonstra competência para encaixar qualquer oração e para fazer perguntas com qualquer elemento "QU", mas produz sentenças com topicalização de objeto, como mostram os dados abaixo:

(20-9-86)

P: — Giz, não tem.

(30-5-86)

P: — Água ainda não tem. Mangueira tá aí.

(5-6-87)

INV: — Faz tempo que a gente não se vê. O senhor não vai perguntar onde eu fui?

P: — Foi em...

INV: — Pergunta onde eu fui.

P: — Você foi lá... não.

P: — foi.

Se (P) não tem dificuldades com topicalização de objeto, mas as tem com construções com elementos "QU", então a vinculação da categoria vazia adjacente ao verbo não é regida pelo mesmo princípio, nos dois casos. Pode-se inferir que a categoria vazia adjacente, à direita do verbo, em construção com tópico-objeto, é "pro", licenciada pelo princípio B, cujo mecanismo não apresenta dificuldade para (P). Isto confirma minha hipótese de que a categoria vazia na posição de objeto é de natureza pronominal. (GREGOLIN, G.R.M. 1988). Desse modo as categorias vazias das estruturas abaixo não podem ser da mesma natureza, uma vez que se fossem idênticas, este paciente (P), operaria com as duas do mesmo modo, o que não ocorre:

Giz, não tem C V

$$\begin{array}{ccc} & i & i \\ \text{O que você viu} & \text{C V} & \\ & i & i \end{array}$$

Uma pergunta que precisaríamos responder, numa pesquisa mais criteriosa, é se os afásicos usam estratégias para organizar sua gramática, que estão presentes em outras línguas humanas possíveis.

Na verdade o que precisamos buscar é a explicitação dos princípios da gramática universal presentes na linguagem de um paciente com agramatismo. Desse modo a linguagem patológica será de interesse para a Linguística como os dados de qualquer língua, inclusive para testagem do modelo teórico.

#### IV — A PRODUÇÃO E A COMPREENSÃO

Um assunto repleto de controvérsias nos estudos sobre o agramatismo é o que trata da produção e compreensão. Há paralelismo ou não entre produção e compreensão? Na linguagem os dois processos são concomitantes?

Kolk (et alii) afirmam que, já em 1902, BONNOEFER admitiu a existência do paralelismo entre produção e compreensão (KOLK et alii 1985, p. 166).

O primeiro ponto a ser estabelecido é em relação à acepção com que os dois termos são empregados. Em muitos trabalhos a produção tem sido empregada como a linguagem que se manifesta em "USO", como um comportamento lingüístico, como algo externo, enquanto a compreensão é algo interno, mental.

Em alguns trabalhos os dois termos são empregados ainda com a acepção de capacidade motora e sensorial de falar e ouvir respectivamente. Fala-se até em agramatismo receptivo, para caracterizar a compreensão, separada da produção.

A separação entre produção e compreensão é encontrada em definições de afasia. Em BOTEZ (1987) há a afirmação de que os afásicos de Broca compreendem e não produzem.

Caplan cita casos de agramatismo em que, segundo ele, há pacientes afásicos agramáticos em produção e não em compreensão, mas este mesmo autor diz que o inverso não é verdadeiro, isto é, não há afásico só de compreensão. (CAPLAN 1985, p. 152).

Para GRODZINSKY o problema é colocado em termos de paralelismo.

When left side anterior damage affects production system, it also, though less publicly, affects the comprehension system in a way that seems to involve like structures and the same vocabulary elements".

(GRODZINSKY et alii 1985, p. 66)

A separação entre produção e compreensão não pode ser feita num modelo de gramática que pretende dar conta da competência.

A produção na teoria chomskyana, não pode ser entendida como o desempenho no uso da língua. É a competência, um conhecimento internalizado que será responsável pela capacidade que apenas o ser humano tem de produzir e compreender dados de uma língua a que foi exposto.

Então a dicotomia competência-desempenho deve ser desdobrada para que possamos enquadrar os dados do agramatismo. É preciso fazer uma certa divisão da competência que deve envolver tanto a capacidade de produzir como a de compreender frases da língua.

Em outras palavras: produção e compreensão são interdependentes e fazem parte da competência, enquanto o desempenho é objeto de outras teorias, mas não da gramática gerativa.

Observamos nos dados que (P) não produz orações relativas e também demonstra dificuldade para responder perguntas onde houve um encaixamento de relativa, assunto este ainda em estudo.

Os dados abaixo podem ser a evidência que (P) só tem competência ao nível da sentença (S) e ainda não chegou a (S'), à projeção da sentença.

(6-2-86)

INV: — Que dia mais que aconteceu isso?

P: — Hum?

INV: — Que dia mais aconteceu isso?

P: — Não sei.

Na pergunta do dado acima o investigador usou encaixamento na pergunta e P não demonstrou compreensão.

Em perguntas, sem encaixamento (P) não demonstra falta de competência para compreendê-las e nem para produção de uma resposta, cuja estrutura também não tem encaixamento.

(31-1-85)

INV: — O que aconteceu com a Challenger?

P: — Explode.

INV: — O que aconteceu com estas pessoas?

P: — Morreu.

INV: — O que aconteceu com a gasolina e com o álcool ontem?

P: — Ih! meu Deus, outra vez!

INV: — Outra vez o que?

P: — aumentou, aumentou.

A não realização da flexão adequada em "morreu" e "explode" não evidencia falta de competência, pois (P)

“compreende e produz”. Além disso pode haver línguas humanas em que o verbo não tem flexão. Aqui o problema é com o parâmetro de uma gramática particular (G.P.).

Flexão nominal e verbal não são determinadas por princípios de GU e sim por parâmetros de G.P.

## V — CONSIDERAÇÕES FINAIS

O outro enfoque teórico ao qual chegamos — o interacionista — tem um sentido aqui. É por ele e através dele que paciente para compreender e produzir, “mexe” com a língua produzindo frases da língua. Forma-se então, via interacionismo, o círculo competência-desempenho, uma vez que quanto mais (P) “aciona” sua competência, maior desempenho tem no “uso” desta língua.

O “desempenho” como já dissemos não é objeto da teoria gerativa, mas é objeto de outras teorias que, na afasia, encontram justificativa para seu lugar na lingüística.

O terapeuta ao trabalhar com o paciente ao nível do desempenho e da língua — E, “mexe” com a competência do paciente para compreender e produzir, “mexe” com a língua — I.

O terapeuta que tiver conhecimento de teorias lingüísticas diversas pode substituir testes mecânicos e evitar a interpretação de dados lingüísticos, apenas através de medida (LEZAK, 1987, p. 63), para diagnosticar afasias.

A reconstrução da sintaxe do paciente (P), que já pode ser constatada nos dados publicados por COUDRY (1988), demonstra que a terapia, embora não consiga a “cura completa”, pelo menos faz detonar os princípios da competência, para que as realizações lingüísticas tenham aceitabilidade.

No interacionismo o papel do ambiente e da terapia (em clima favorável) é o de detonar o conhecimento interno da língua.

Alguém poderá contra-argumentar que há incoerência teórica entre o procedimento pelo qual foi reconstruída a sintaxe de (P) e a teoria formal sob a qual analisamos os dados. Mas, esperamos ter esclarecido a separação entre as duas dimensões teóricas. Para a teoria que nos amparou na análise dos dados a incoerência perde terreno quando lembramos que a teoria gerativa reconhece outro nível da linguagem, o do desempenho, do qual não pretende se ocupar.

O que focalizamos neste trabalho foram as estruturas sintáticas em fase de reconstrução e o fizemos sob a guarda de uma teoria que tem no seu cerne a sintaxe.

Nos dados só nos preocupamos com o corpus falado porque a teoria com a qual trabalhamos não leva em conta modalidades de linguagem. Sua preocupação é estabelecer a gramática da língua, inclusive de culturas ágrafas.

A terapia de um paciente com agramatismo deve visar, então, não só a melhoria de suas capacidades expressivas e receptivas (LECOURS 1987, p. 387). A intervenção do terapeuta no caso do agramatismo deve visar a reconstrução sintática, deve buscar os princípios de gramática universal, e os parâmetros da gramática particular do paciente em questão.

A melhoria no "deficit sintático" readapta o paciente, atende a função comunicativa da linguagem, mas a sintaxe não está no fim do processo. O lugar da sintaxe nos estudos da afasia está no meio do processo terapêutico com duas finalidades: uma finalidade própria, para testagem da própria teoria, e uma finalidade no diagnóstico dos problemas sintáticos e na condução da terapia.

O conhecimento da sintaxe pelo terapeuta pode guiar e direcionar seu trabalho, pois, as relações sintáticas envolvidas no agramatismo são tão complexas como as de qualquer outra língua.

Embora HEESCHEN afirme que "there is no hope of a complete recovery" (HEESCHEN 1985, p. 239) mostramos com dados empíricos que através de terapia houve, pelo menos em parte, a reconstrução da gramática particular de um paciente, perturbada por um A.V.C.

A partir desta reflexão sobre contribuições da linguística, pode-se concluir que, as coordenadas de uma terapia não está só nas mãos de fonoaudiólogos, mas também nas mãos do linguista que, com aqueles outros profissionais, deve integrar equipes que cuidam da patologia de linguagem.

## BIBLIOGRAFIA

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTEZ, M.I. Neuropsychologie clinique et neurologie du comportement. Université de Montreal. 1987.
- CAPLAN, D. Syntactic and semantic structures in agrammatism. In: *Agrammatism* (Kean, M.L. org) Academic Press. University of California, p. 125-151. 1985.
- COUDRY, M.I.H. O Diário de Narciso: discurso e afasia. Martins Fontes. 1988.
- COUDRY, M.I.H.; MORATO, M.E.. A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. UNICAMP. 1988 (mimeografado inédito)

- FRANCHI, C. "Linguagem — Atividade Constitutiva", in: *Almanaque* 5. São Paulo. Brasiliense, 9 — 27, 1977.
- FRANÇOZO, E. Afasia e Modularidade da mente. ABRALIN, v.8 p.64-76, 1986.
- . Linguagem interna e afasia. Tese de Doutorado. UNICAMP. 1987.
- GOODGLASS, H. and MENN, L. Is Agrammatism a Unitary Phenomenon? Agrammatism (Kean, M.L. org.). Academic Press. University of California, p. 1-25. 1985.
- GREGOLIN, G.R.M. A categoria vazia na posição de objeto em português: uma abordagem gerativa representacional. Tese de mestrado. UFPR. Curitiba. 1988.
- GRODZINSKY, Y. Language deficits and linguistic theory. Brandeis University, 1984.
- . The syntactic characterization of agrammatism. *Cognition*, v. 16 p. 99-120.
- HEESCHEN, C. Agrammatism versus Paragrammatism: a fictitious opposition. Agrammatism (Kean, M.L. org.). Academic Press. University of California, p. 207-265. 1985.
- KEAN, M.L. Agrammatism. University of California. 1985.
- KOLK, H.H.J., GRUNSVEN, M.J.F.V. and KEYSER, A. On parallelism between production and comprehension in Agrammatism. Agrammatism (Kean, M.L. org.) Academic Press. University of California, p. 165-203. 1985.
- LECOURS, A.R., DUMAIS, C., et TAINURIER, M.J. Les aphasies. in: *Neuropsychologie clinique et neurologie du comportement*. (Botez, M.I. org.) Université de Montreal. p.307-322. 1987.
- LESAK, M.D. L'évaluation neuropsychologique. *Neuropsychologie clinique et neurologie du comportement*. (Botez, M.I. org.). Université de Montreal. p.49-67. 1987.
- LESSER, A.R. *Linguistic Investigations of Aphasia*. London: Arnold. 1978.
- LOBATTO, L.M.P. Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Rio de Janeiro: Vigília. 1986.
- LUKATELA, K. et alii. Sensitivity to inflectional morphology in agrammatism: investigation of highly inflected language. *Brain and Language*, v.33, p.1-15, 1988.
- LURIA, A.R. *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdam. 1977.
- RIZZI, L. Two notes on the Linguistic Interpretation of Broca's Aphasia. Agrammatism (Kean, M.L. org.). Academic Press. University of California, p.153-163. 1985.